

A literatura de cordel na Fundação Casa De Rui Barbosa: o arquivo documental de Sebastião Nunes Batista¹

Cordel literature at Fundação Casa de Rui Barbosa: Sebastião Nunes Batista's documentary collection

Sylvia Nemer²

Resumo:

O artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada no acervo documental de Sebastião Nunes Batista sob custódia da Fundação Casa de Rui Barbosa. O acervo, com importantes e variados documentos referente à literatura de cordel, se origina dos estudos e projetos desenvolvidos pelo colecionador na condição de pesquisador independente e, posteriormente, como servidor da FCRB que detém a posse da referida coleção constituída por vasta gama de documentação textual, audiovisual e iconográfica. A composição deste acervo permite acesso a dimensões do cordel não contemplados no documento convencional disponível nos acervos especializados, no caso, o folheto no qual dimensões fundamentais dessa literatura estão ausentes, como, por exemplo, a oralidade e a comunicação visual, representadas, respectivamente, pela cantoria e a xilogravura – artes reconhecidas como bens associados no documento de registro do cordel no patrimônio imaterial nacional. O acervo estudado é rico nessas expressões, ligadas às formas de sociabilidade e aos modos de saber e fazer dessa arte, escassamente contemplada pelas instituições de cultura e memória.

Palavras-chave: acervo documental; Sebastião Nunes Batista; Fundação Casa de Rui Barbosa; literatura de cordel; pesquisa.

Abstract:

The article aims to present the results of the research carried out on the documentary collection of Sebastião Nunes Batista under the custody of the Fundação Casa de Rui Barbosa. The collection, with important and varied documents related to cordel literature, originates from the studies and projects developed by the collector as an independent researcher and, later, as an employee of the FCRB who holds possession of the collection consisting of a vast range of textual, audiovisual, and iconographic documentation. The composition of this collection allows access to dimensions of cordel not covered in the

¹ Este artigo apresenta os resultados da primeira parte do projeto “A literatura de cordel no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa: os arquivos documentais de Sebastião Nunes Batista e Raimundo Santa Helena”. O projeto se desenvolve no acervo de literatura de cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa com bolsa POS DOC do programa PIPC-FCRB sob orientação de Ana Lígia Medeiros.

² Pós doutoranda no Laboratório de Estudos de Imigração da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista na Fundação Casa de Rui Barbosa. E-mail: nemersylvia@gmail.com

conventional document available in specialized collections, in this case, the “folheto” in which fundamental dimensions of this literature are absent, such as, for example, orality and visual communication, represented, respectively, by singing and woodcuts – arts recognized as associated assets in the document registering cordel as national intangible heritage. The collection studied is rich in these expressions, linked to the forms of sociability and the ways of knowing and doing this art, scarcely covered by cultural and memory institutions.

Keywords: documentary collection; Sebastião Nunes Batista; Fundação Casa de Rui Barbosa; cordel literature; study.

1 Introdução

A literatura de cordel começou a ganhar espaço nas instituições de memória durante a segunda metade do século passado, quando colecionadores tomaram a iniciativa de doar suas coleções de folhetos atribuídos a cordelistas notáveis. Com elas se formaram os principais acervos públicos dedicados à preservação dessa literatura, atravessada por múltiplas manifestações não circunscritas ao impresso. Entre estas destaca-se a oralidade, dimensão pouco acessível aos segmentos não enraizados na cultura do cordel na qual as histórias escritas são permeadas das vozes dos contadores ou cantadores.

Outra importante expressão associada à literatura de cordel é a xilogravura. Usada tradicionalmente para ilustração de capas de folhetos, ela conquistou independência, tornando-se, sem se desligar de suas origens, uma expressão artística autônoma.

Reconhecidas como artes associadas à literatura de cordel após seu registro, em 2018, no patrimônio cultural imaterial do Brasil, a cantoria e a xilogravura não se fazem representar devidamente nos acervos institucionais, voltados, prioritariamente, para a guarda de folhetos.

Na contramão dessa tendência, destacam-se os acervos formados e preservados por integrantes do universo do cordel, cuja relação de pertencimento com a cultura representada difere da assumida pelos colecionadores tradicionais, situados fora das esferas de saber e de fazer da arte colecionada. Em um caso os documentos formam um conjunto de natureza múltipla: manuscritos diversos, publicações da imprensa, impressos de variados tipos e temáticas, fotografias, material em áudio e vídeo, iconografia, xilogravuras, matrizes xilográficas etc. No outro a coleção é especializada num determinado objeto, no caso o folheto.

Historicamente vinculada a uma linha de atividade associada ao movimento folclórico dos anos 1950, 1960, a Fundação Casa de Rui Barbosa centrou seus esforços

de formação do acervo de literatura de cordel na custódia do objeto folheto, como produto de um processo de composição poética, passível de desaparecer caso seus vestígios físicos, de alta perecibilidade, não fossem preservados.

Essa concepção, diretamente vinculada ao cenário intelectual de sua produção, deixa de considerar elementos centrais da arte representada como, por exemplo, as suas formas de sociabilidade e suas relações com a memória coletiva.

A perspectiva individual, autoral, presente nas histórias em circulação nos folhetos é apenas uma das dimensões da cultura do cordel, desenvolvida a partir de um conjunto de produtores herdeiros de tradições que se desdobram em criações coletivas.

Além desses fatores, é necessário levar em conta a ampla e fundamental implicação do público na produção do cordel; seja na condição de leitores ou de ouvintes, os consumidores mantêm um estreito diálogo com os produtores dessa arte, especificamente, performática.

Essa visão sobre a cultura do cordel exige um reposicionamento dos acervos especializados que, para além da ação de preservação adotada no passado, voltada unicamente para o folheto, deverão desenvolver um olhar ampliado para as fontes que a representam e merecem ser preservadas.

Sendo assim, ainda que o folheto mantenha – e manterá, talvez, ainda por longo tempo – a sua posição privilegiada como expressão da memória do cordel, os acervos especializados, visando manter uma condição ajustada às concepções vigentes no contexto atual, deverão contar com coleções documentais formadas por fontes outras além do folheto.

Nesse processo, a Fundação Casa de Rui Barbosa assume uma posição pioneira, incluindo em seu acervo os arquivos de Sebastião Nunes Batista, objeto do presente artigo, e de Raimundo Santa Helena, que será trabalhado futuramente. Formados por documentação de imensa importância para a compreensão da arte do cordel em uma perspectiva ampla (como recomendado no documento de registro no Patrimônio Imaterial que leva em conta as dimensões escrita e oral, sonora e visual, coletiva e autoral, social e individual) esses acervos abrirão um campo novo de problemáticas às futuras pesquisas em literatura de cordel.

2 Sebastião Nunes Batista: cordel, um legado familiar³

Sebastião Nunes Batista nasceu no ano de 1925, em João Pessoa, no seio de uma consagrada família de poetas e cantadores. Seu avô materno, Ugolino Nunes da Costa, seu pai, Francisco das Chagas Batista, e seus irmãos, Paulo Nunes Batista e Maria das Neves Batista Pimentel, destacaram-se entre os mais formidáveis no cordel, no desafio e na cantoria, em suas respectivas épocas.

Também no mercado de impressão de folhetos, a família Batista foi soberana. A famosa Livraria Popular Editora funcionou, durante toda a sua existência, entre 1911 e 1932, num anexo à casa onde Sebastião residia com sua família em João Pessoa. Por lá, circulavam os grandes nomes da primeira geração do cordel, entre os quais, Leandro Gomes de Barros que, além de cliente da tipografia, era um grande amigo de seu pai.

Herdeiro de um rico tesouro de sons, rimas e personagens, a que mais ele poderia se dedicar além de levar adiante a arte na qual foram mestres seus antepassados? Seguindo estes passos, Sebastião se aplicou à arte da cantoria, na juventude, e, posteriormente, da poesia, com um número reduzido, porém, representativo de folhetos.

Mas, apesar de um talento artístico considerável, foi no estudo da literatura de cordel brasileira que ele, indubitavelmente, mais se destacou com uma extensa atividade de pesquisa e coleta de documentação referente ao cordel e à cantoria, fundamental num período em que essas manifestações passavam por uma profunda crise de produção e representação.

O empenho extraordinário de Sebastião Nunes Batista em preservar a memória de uma cultura ameaçada de desaparecimento⁴, como se pensava na época, revela-se em um rico arquivo⁵ documental e bibliográfico, mantido no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa onde ele atuou como servidor entre 1978 e janeiro de 1982 quando faleceu, subitamente, durante palestra que proferia no VII Encontro Cultural de Laranjeiras, Sergipe.

³ Sobre a importância de recomposição da história do titular do arquivo ver: OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012. p. 40.

⁴ Em documento sonoro gravado em evento ocorrido na cidade de Fortaleza em 1975 a questão da sobrevivência da literatura de cordel foi objeto central do debate; a posição de Nunes Batista mostrou-se contrária a tese da morte do cordel que foi, em contrapartida, defendida por Átila Almeida – em FCRB 02.03/Fk7 052 – CD n. 2882 (material arquivístico).

⁵ Os termos “coleção” e “arquivo” possuem significados distintos, sendo o primeiro relacionado a documentos reunidos, porém, sem afinidade interna; o segundo, ao contrário, diz respeito a conjuntos documentais que demonstram identidade entre si – em OLIVEIRA, *op. cit.* p. 3.

A morte de Sebastião Nunes Batista, seguida pela de Orígenes Lessa em 1986, privou a FCRB dos dois principais representantes da pesquisa em cordel promovida pela instituição desde a criação do acervo de folhetos no início dos anos 1960.

No final dos anos 1980 foi publicado o último número da coleção “Literatura Popular em Versos – Estudos/nova série” que representou um impulso importante para as pesquisas sobre cordel realizadas pela instituição. O volume 2 da coleção, intitulado “Poética popular do Nordeste”, é de autoria de Sebastião Nunes Batista que descreve em detalhes as inúmeras modalidades de estrofes que compõem “o nosso Romanceiro Nordestino, também chamado de Literatura Popular em Verso, ou Literatura de Cordel”. A análise coloca em relevo a visão do pesquisador quanto à natureza da literatura de cordel que segundo ele “compreende o conjunto da poesia impressa nos folhetos e o da oral improvisada nas cantorias dos repentistas.”⁶

3 Arquivo Sebastião Nunes Batista: conjuntos documentais

A compreensão do cordel como expressão de um extenso diálogo entre a escrita, a oralidade e, para além dessas duas dimensões, a imagem, se manifesta na natureza da documentação reunida no acervo de Sebastião Nunes Batista⁷. Bastante diversificado, este acervo é formado, majoritariamente, por materiais oriundos de arquivos familiares, documentos colhidos durante viagem ao Nordeste em 1976⁸, entre outros, anteriores e posteriores à viagem.

Em sua totalidade, o acervo apresenta a seguinte composição:

- 1) Impressos e manuscritos;
- 2) material audiovisual (apresentações de cantadores e repentistas),
- 3) material xilográfico (gravuras e matrizes).

É sobre o primeiro destes conjuntos que irei, inicialmente, me concentrar.

⁶ BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste: literatura popular em verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. (Estudos, Nova série, v. 2). p. 1.

⁷ Sobre a necessidade de o arquivista proceder à contextualização do arquivo: “recompor a história do titular do arquivo, de sua rede de relacionamentos e de seus interesses” In: OLIVEIRA, *Op. cit.*, p. 40.

⁸ Dados detalhados a respeito da viagem constam do processo FCRB 4.04.04 PROC. 27/75 1976 (material arquivístico)

3.1 Impressos e manuscritos

A parte do arquivo intitulada “Impressos e manuscritos” foi dividida entre:

- 1) um conjunto de “Papéis avulsos”, acondicionados em 5 caixas box,
- 2) um “Caderno” em formato A4, com aproximadamente 500 páginas contendo documentos impressos e manuscritos.

Este material foi mantido, por longos anos, no Centro de Pesquisa da FCRB, área de competência da literatura de cordel na época do falecimento de Sebastião Nunes Batista. Com a passagem do cordel para a alçada do Serviço de Biblioteca, a documentação ficou acondicionada na reserva técnica até sua passagem, recente, para o Arquivo Histórico Institucional (SAHI).

O processo de organização da documentação constante das cinco caixas box não diz respeito a Sebastião Nunes Batista. Na verdade, fica claro, não só pela trajetória da documentação, mas pelas características do evento que a fizeram transformar-se em um acervo, que não houve tal intenção, por parte do seu detentor, acometido de morte súbita aos 57 anos de idade em pleno exercício de suas atividades intelectuais. Os papéis deixados em sua mesa de trabalho, que eram, na verdade, as suas fontes de pesquisa, foram provavelmente recolhidos, guardados e, posteriormente, transferidos para a reserva técnica da Biblioteca São Clemente. Assim foi que surgiu o acervo, totalmente à revelia de seu detentor.

Entre a morte de Sebastião Nunes Batista e o início da presente pesquisa, a documentação reunida pelo pesquisador passou por seguidas interferências externas, tornando complexa a reconstrução do contexto de proveniência⁹.

Diante disso, a minha opção, no que se refere à documentação das cinco caixas, foi de preservar, tanto quanto possível, a ordem encontrada no início do presente projeto.

As cinco caixas receberam etiquetas descritivas dos respectivos conteúdos, identificados como:

- Caixa 1: produção intelectual (tema 1) – 9 documentos;
- Caixa 2: produção poética (tema 2) – 24 documentos;

⁹ Sobre o contexto de proveniência e sua desejável manutenção por parte do arquivista ver: OLIVEIRA, Op. cit. p. 45 e 46.

- Caixas 3 e 4: imprensa (tema 3) – 410 documentos;
- Caixa 5: material iconográfico (tema 4) – 13 documentos; material acadêmico (tema 5) – 5 documentos; outros (tema 6) – 35 documentos.

Na etapa seguinte buscou-se fornecer uma visão geral do conteúdo do arquivo, definido como “Papéis avulsos”. Para isso foram desenvolvidos quadros explicativos para cada um dos conteúdos acima mencionados.

Para os documentos de imprensa, caixas 3 e 4, o processo de descrição foi mais complexo, detalhado e dividiu a documentação em dois grupos: “recortes” e “jornais de circulação restrita”.

O grupo “recortes” foi subdividido em 15 temas, a saber: 1) origens; 2) novas tecnologias; 3) cantoria; 4) xilogravura; 5) outras artes; 6) outras mídias; 7) cordelistas, lugares, notícias; 8) personagens; 9) valor cultural; 10) novos usos; 11) política; 12) notícias; 13) outros; 14) pesquisas; 15) folclore.¹⁰

Na descrição desta extensa e variada documentação, optou-se pela elaboração de quadros específicos, reunindo recortes (matérias em jornais e revistas) associados a cada um dos temas.

Estes quadros foram divididos em 9 colunas: número (indica a posição do recorte no conjunto), título (informa o título da matéria recortada), autor (informa a autoria da matéria), veículo (informa o veículo de imprensa em que a matéria foi publicada), local (informa o local da publicação), data (informa a data da publicação), original ou cópia (indica se é original ou cópia o recorte descrito), cópia sim ou não (indica se o recorte foi ou não reproduzido para fins desta pesquisa), observações (comenta generalidades a respeito da matéria, informa sobre marcas/comentários nela inseridos posteriormente, entre outras curiosidades)¹¹.

Não incluída na presente etapa da pesquisa, a identificação *in loco* dos itens constantes das cinco caixas será um passo importante no sentido de cruzar informações entre os documentos físicos e os documentos inscritos nos quadros descritivos, evitando-se, com isso, que os processos de organização e descrição desenvolvidos venham a se perder no futuro.

A documentação constante do “Caderno” segue a mesma linha da incluída nas caixas. A diferença é que no Caderno a parte de manuscritos é muito mais extensa e,

¹⁰ A ideia predominante em cada volume define o tema deste volume – Ibid. p. 61-68.

¹¹ Sobre os elementos que devem conter as tabelas de dados, ver: Ibid. p. 108 e 109.

aparentemente, de outra natureza que a das caixas que, por outro lado, possuem uma documentação de imprensa maior e mais variada.

Outra característica do Caderno é o ordenamento da documentação que partiu do próprio titular do acervo, diferentemente do material das caixas, composto de documentação que, embora tenha sido coletada e mantida por Nunes Batista, seguiu, após a morte deste, uma trajetória praticamente impossível de se recompor.

Além disso, a documentação das caixas se estende para datas posteriores à morte do titular que, tendo deixado abertas algumas linhas e interesses de pesquisa, teve agregado ao conjunto acumulado, documentos coletados e produzidos por terceiros.

No caso do Caderno, tudo que ali se encontra foi inserido por Sebastião Nunes Batista que demonstra, nesse conjunto documental, um profundo interesse pela cultura do cordel em sua dimensão oral.

Dada essa condição, de uniformidade temática e forma de arquivamento, definida pelo próprio titular do acervo, a documentação não foi objeto de uma organização como ocorreu com o conteúdo das caixas.

A pesquisa realizada com o Caderno se concentrou na descrição dos documentos representados em suas quinhentas e poucas páginas. Para tanto, foi desenvolvido um Quadro Descritivo contendo 377 linhas, cada uma correspondendo a um documento, e 12 colunas com as seguintes designações:

- 1) Série – indica a ordem do documento X no quadro descritivo
- 2) Foto – indica o número da foto do documento X no arquivo digital
- 3) Página – indica o número da página em que se encontra o documento X (o número da página quase nunca corresponde ao número da série uma vez que: a) a página pode conter mais de um documento; b) um documento pode ocupar mais de uma página
- 4) Tipo de documento – indica se o documento é impresso ou manuscrito faz um detalhamento: no caso de impresso se é reportagem, folheto, propaganda etc.; no caso de manuscrito se é: a) escrito à mão ou datilografado; b) se é biografia, versos, carta, apontamentos diversos, entre outros.
- 5) Descrição – informa sobre detalhes do documento
- 6) Título
- 7) Autor
- 8) Veículo – reservado ao material de imprensa

- 9) Local
- 10) Data
- 11) Ilustração – indica se o documento contém ilustração e faz uma breve descrição desta
- 12) Observações – informa sobre curiosidades do documento, por exemplo, alguma observação escrita sobre uma matéria jornalística

O material reunido no Caderno é datado, majoritariamente, do período anterior ao início da atuação de Nunes Batista como servidor da FCRB, no ano de 1978. Antes dessa data, o pesquisador já desenvolvia projetos junto à instituição cujo foco da pesquisa em cordel, centrado no corpus narrativo do folheto, imprimiu em sua pesquisa um rumo distinto do que percorrera até a década de 1960 quando o ponto central da sua atividade foi a cantoria.

Esse interesse fica claro nos documentos reunidos no Caderno cuja parte significativa é de 1959. Nesse ano, um Congresso de Cantadores promovido pelo Jornal do Brasil reuniu no Rio de Janeiro a nata da cantoria nordestina que recebeu atenção extraordinária da imprensa local e nacional. Minuciosamente catalogado por Nunes Batista através de recortes de jornais, o Congresso ocupa número considerável de páginas do Caderno que, ao que tudo indica, teve como motivação inicial o evento dos cantadores.

Até a página 65 todo o espaço do Caderno é preenchido com recortes de jornais e revistas, sendo a grande maioria, como já se disse, dedicada ao Congresso de Cantadores de 1959. Um pequeno número de reportagens anteriores a 1959 e do início de 1960 também tem lugar nessa parte inicial do Caderno que a partir da página 66 começa a intercalar documentos manuscritos com publicações da imprensa, algumas ainda dedicadas ao Congresso de 1959. Nessa parte do Caderno (da página 66 a 167) prevalece documentação datada da década de 1960, sendo um ou outro documento de período anterior (décadas de 1950 e 1940) ou posterior (década de 1970).

A partir da página 168 a documentação de imprensa se torna mais escassa, prevalecendo o material manuscrito cuja datação, quando há, se situa, com larga predominância, nos anos 1960, da mesma forma que os recortes de jornais também majoritariamente datados dessa década.

A página 497 é a última com numeração. Seguindo-se a ela um conjunto de documentos variados ocupam as páginas não numeradas sendo a maioria, de impressos de propaganda no formato folheto.

No Caderno, é notável a preponderância da documentação, reservada à dimensão da oralidade na cultura do cordel; o que confirma ter sido esse o principal foco de interesse de Nunes Batista no período anterior à década de 1970.

A representação da década de 1970 no Caderno é, relativamente, fraca. Esse período – anos 1970 – concentra, principalmente, a coleção de “Papéis avulsos” (documentos incluídos nas cinco caixas box), a documentação em áudio e o material xilográfico, os dois últimos oriundos de viagem realizada por Nunes Batista em 1976 com o apoio da Casa de Rui Barbosa.

No Caderno, a documentação é datada, em sua maior parte, do ano de 1959 e da década de 1960. Não há uma ordem cronológica na disposição dos documentos, como também não há compromisso com o ordenamento seja temático, seja de natureza da documentação.

A ausência de quaisquer critérios de composição do material incluído no Caderno sugere uma certa despreensão dessa coleção que, aparentemente, não se vincula a um plano de trabalho estabelecido como parece ser o caso dos documentos das cinco caixas box e do material audiovisual e xilográfico, supostamente ligados às atividades desenvolvidas por Nunes Batista na FCRB – de forma independente a partir de 1975 e como servidor entre o ano de 1978 e o seu falecimento em janeiro de 1982.

Para além da temática, centrada no repente, na cantoria e, de um modo geral, na questão da oralidade do cordel, não se verifica, na documentação incluída no Caderno, qualquer organicidade ao contrário do conteúdo das “caixas” cujos documentos, em grande medida, dialogam entre si. Vê-se isso claramente na correlação entre as reportagens selecionadas (Caixas 3 e 4) e as pesquisas do titular do acervo (Caixa 1), realizadas, ao que tudo indica, com parte significativa do material de imprensa coletado.

O material das caixas parece, portanto, estar inscrito num plano de trabalho mais amplo, desenvolvido por Sebastião Nunes Batista em sua atuação junto à Casa de Rui Barbosa entre a segunda metade da década de 1970 e início da de 1980.

No Caderno, ao contrário, transparece a ideia de espontaneidade da coleção. Os impressos e escritos nele reunidos não são parte de um projeto pré-definido, mas, tão somente, fruto do “desejo de memória” de um indivíduo que, desde o primeiro instante de vida, se viu diante dos encantos de uma literatura, excluída do cânone cultural hegemônico e de seus respectivos processos de preservação de memórias.

3.2 Documentação em áudio

A documentação em áudio foi descrita por Dempsey Bragante em sua pesquisa sob orientação de Ana Lígia Medeiros. A descrição constitui referência fundamental para acesso a informações detalhadas sobre o material coletado por Sebastião Nunes Batista ao longo nos anos 1970.

Os áudios, originalmente gravados em fita cassete, foram regravados em CD-ROM. De um total de 40 áudios, seis estão sem reprodução sonora, dois em condições precárias de reprodução e 32 em boas condições de reprodução, segundo a listagem de Bragante que indica, ainda, o nome dos cantadores participantes do evento gravado, o tempo de duração, a data e o local da gravação.

Os campos da listagem comuns a todos os itens são: Localização: Arquivo Histórico e Institucional (SAHI) da FCRB; Estágio técnico: CD-ROM; Instrumentos de pesquisa: Tratamento arquivístico; Consulta: Agendamento.

Além destes campos, a listagem inclui: Notas: indicando algum detalhe importante do áudio; Índice do áudio: estabelecendo uma relação entre o assunto e o tempo ocupado na gravação; Palavras-chave. Estes 3 últimos itens fornecem uma ideia geral do conteúdo dos áudios facilitando, enormemente, o trabalho do pesquisador interessado em estudar o cordel pelo viés da cantoria; perspectiva essa que constituía o principal foco de atenção de Sebastião Nunes Batista antes de sua dedicação prioritária à pesquisa com a documentação de folhetos do acervo de cordel da FCRB onde ingressou como servidor em 1978, como mencionado anteriormente.

O material em áudio é datado, em sua maior parte, do ano de 1976 quando Nunes Batista, com o apoio da FCRB, realizou uma viagem de pesquisa ao Nordeste percorrendo os estados de Pernambuco (São José do Egito, Caruaru, Bezerros), Ceará (Fortaleza), Paraíba (Campina Grande) e Sergipe (Aracaju) onde registrou apresentações de cantadores famosos.

O material recolhido durante essa viagem inclui, ainda, a gravação de um evento sobre literatura de cordel ocorrido em Fortaleza no qual Nunes Batista teve participação

de destaque ao lado de outros pesquisadores renomados como Átila Almeida Pimentel¹² e Neuma Fechine Borges¹³.

Merece destaque nesse áudio o posicionamento de cada um dos pesquisadores acerca da questão que, na época, ocupava o centro do debate em torno do cordel: a sua morte inevitável face à expansão dos meios de comunicação de massa. Ao contrário de Átila Almeida que sustentava o argumento do desaparecimento da literatura de cordel, Sebastião Nunes Batista defendia, tal como Neuma F. Borges, o ponto de vista contrário, argumentando acerca da capacidade do cordel se reinventar e sobreviver.

Interessante perceber que, apesar de partirem do mesmo ponto de vista quanto à negação da morte do cordel, para os dois pesquisadores a possibilidade de sobrevivência se daria por caminhos distintos. Neuma F. Borges entendia que a salvação do cordel se daria por meio da realização de inventários que demonstrariam as variações da cultura do cordel nos últimos tempos e suas melhores chances de superar a crise. Para Sebastião N. Batista, o cordel teria sido, desde sempre, uma cultura de adaptação às condições do momento de sua realização e, desse modo, tal como ocorrera no passado, a possibilidade de dialogar com os novos tempos iria, inevitavelmente, chegar.

Ocupando lugares diferentes no universo do cordel, Borges indicava um caminho no qual as experiências dos realizadores estariam perpassadas pelo saber acadêmico. Batista, por outro lado, entendia que a superação da crise ocorreria de modo espontâneo, partindo dos próprios cordelistas em suas habilidades criativas.

A gravação desse evento é a única peça da coleção de áudios na qual se manifesta a posição dos pesquisadores. Ainda mais relevante, é o fato de que esse áudio é o único documento de todo o acervo de Sebastião Nunes Batista em que ele comparece de viva voz, opinando sobre um tema de enorme relevância para a prática e a pesquisa do cordel nos anos 1970.

Quanto à prática do cordel, outra gravação com a participação dos cordelistas mostra as principais inquietações do grupo, diretamente atingido pelos efeitos da crise da produção de folhetos, crise essa acentuada pela sua localização, no Rio de Janeiro, distante do centro produtor e consumidor hegemônico. Realizada no ano de 1976 na cidade do Rio de Janeiro, a gravação registra a “Reunião dos poetas nordestinos” e,

¹² Foi professor de Física da Universidade Federal da Paraíba, além de jornalista, pesquisador, folclorista, especialista em literatura de cordel.

¹³ Professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba. Nome de destaque na pesquisa em literatura de cordel.

embora ocupando um tempo muito reduzido (5 minutos) em relação à gravação do evento dos pesquisadores (62 minutos), é um documento precioso pela sua capacidade de representação do universo do cordel a partir da visão dos seus protagonistas.

Além desses dois áudios reservados à cobertura dos dois eventos de debates (o Encontro de Literatura de Cordel e a Reunião de cordelistas) os demais se dedicam exclusivamente à cobertura de apresentações de cantadores. Desse conjunto, o acervo contém, majoritariamente, as cantorias gravadas durante a viagem de Nunes Batista ao Nordeste em 1976. Além desse material, constam ainda da coleção de áudios: 3 gravações da dupla Messias e Azulão, feitas no Rio de Janeiro em 1972; 9 gravações do Encontro de Cantadores realizado em 1972 no Teatro Santa Rosa em João Pessoa; 2 gravações da Missa dos repentistas em Montes Claros (MG), 1981.

Tanto os eventos de debates quanto as apresentações de cantadores, são altamente representativos dos temas relevantes para a compreensão da literatura de cordel nos anos 1970 em seus diferentes contextos de produção de fazeres e saberes.

Tal é o destaque dessa riquíssima coleção cujas gravações trazem à tona um conjunto de problemáticas novas para a pesquisa em literatura de cordel que muito tende a se ampliar com um estudo detalhado do material ali disponível.

3.3 Material xilográfico

O material xilográfico foi objeto de pesquisa de João Paranhos durante período 2018-2020 em que atuou como bolsista FCRB sob orientação de Dilza Bastos e, posteriormente, entre 2020-2022, como aluno da Pós- Graduação da FCRB, orientado por Lia Calabre. Os levantamentos realizados constam dos relatórios de bolsa e da dissertação de mestrado.

Um pouto mais recente é a pesquisa desenvolvida por Maria Fernanda Pinheiro de Oliveira para montagem de exposição na FCRB em novembro de 2023. A pesquisa consistiu no levantamento e registro fotográfico de peças constantes do acervo de xilogravuras (tacos e matrizes) conforme dados descritos no quadro 1 a seguir.

QUADRO 1 – Acervo de xilogravuras (tacos e matrizes).

N. de série	Autor	Técnica	Quantidade
1	J. Borges	Xilogravura	20
2	Jerônimo Soares	Xilogravura	15
3	D. E.	Xilogravura	1
4	João	Xilogravura	1
5	Chico Soares	Xilogravura	1
6	Jurandir Raimundo de Souza	Xilogravura	1
7	Marcelo Soares	Xilogravura	12
8	João de Barros	Xilogravura	5
9	José Costa Leite	Xilogravura	5
10	Abraão Batista	Xilogravura	3
11	Abraão Batista	Metal	1
12	E.D.	Xilogravura	1
13	A.M.	Xilogravura	1
14	Álvaro Barbosa	Xilogravura	1
15	Dila	Borracha	10
16	Dila	Borracha	3 (com folhetos)
17	Não identificado	Xilogravura	21
18	Não identificado	Metal	5

Fonte: O autor (2025).

Não há evidências de que o material acima mencionado tenha sido objeto da coleta realizada por Sebastião Nunes Batista em sua viagem de 1976. O que aparece na lista incluída no processo de viagem não condiz integralmente com os dados acima apresentados.

No quadro com dados de pesquisa realizada em 2023 o número de tacos/matrizes soma 107 (102 tacos e 5 matrizes) de 15 autores, entre os identificados. Na lista referente à viagem de Sebastião N. B. em 1976, constam 55 tacos de 8 autores – cujos nomes aparecem também no quadro - e 3 não identificados. Há, portanto, uma quantidade maior tanto de peças quanto de autores no documento de 2023 em relação ao de 1976. O que

sugere a continuidade do processo de doação que pode mesmo ter se estendido para além da data da morte do titular do acervo.

Um importante registro deste conjunto de peças é o álbum “Xilógrafos Nordestinos”, edição da Fundação Casa de Rui Barbosa de 1977. Nele são apresentadas obras gravadas diretamente a partir dos tacos e matrizes constantes do acervo xilográfico da instituição, como informa, no texto de apresentação do álbum, o então Diretor do Centro de Pesquisas da FCRB, Homero Senna.

Além dos tacos e matrizes acima comentados, existe uma quantidade razoável de gravuras no arquivo do SAHI. São obras de autores variados e diferentes dimensões (algumas bem grandes e outras menores) que compõem essa parte do acervo Sebastião Nunes Batista ao qual devem ser acrescentadas as peças incluídas na caixa box n. 5, no caso, os catálogos de xilogravura e o painel em tecido com obras de J. Borges (conforme consta no quadro descritivo anexo ao presente relatório).

4 Considerações finais

Ao fim da pesquisa com o acervo de Sebastião Nunes Batista minha impressão sobre a relevância da documentação nele contida não apenas é confirmada, mas reforçada. As informações ali disponibilizadas vão muito além das fornecidas pelos folhetos que são os documentos usualmente disponíveis nos acervos especializados em literatura de cordel.

O material estudado mostrou-se de grande importância para a pesquisa dessa literatura na perspectiva ampliada de uma arte envolvendo manifestações textuais, orais e iconográficas, além de múltiplas expressões de sociabilidades e trocas culturais.

O conjunto oferece ainda uma visão abrangente da literatura de cordel construída tanto por setores externos a esta manifestação, como jornalistas e estudiosos, quanto internos, no caso, os protagonistas desta arte: poetas, cantadores, repentistas e xilógrafos.

Para além da dimensão literária, os documentos dialogam com aspectos históricos e sociológicos desta cultura que após o registro no Patrimônio Imaterial (em 2018) ganhou um estatuto mais amplo do que aquele, de base folclórica, que até então a havia caracterizado.

Referências

BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*: literatura popular em verso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. (Estudos, Nova Série).

OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa*: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

Documentos consultados:

Documento sonoro: FCRB 02.03/Fk7 052 – CD n. 2882

Processo: FCRB 27/75 Acervo de literatura de cordel